

Júlio Verne
Os Filhos do Capitão Grant - III

Terceira Parte

I

O MACQUARIE

Se alguma vez os que procuravam o capitão Grant deviam desesperar de o voltar a ver, não seria neste momento em que tudo lhes falhava ao mesmo tempo? Em que ponto do mundo tentar uma nova expedição? Como explorar novos países? O Duncan deixara de existir, e um repatriamento imediato nem sequer era possível. Portanto, a iniciativa destes generosos escoceses falhara. Insucesso! Esta é uma palavra que não tem eco numa alma valente e, contudo, sob os golpes da fatalidade, Glenarvan tinha de reconhecer a sua impotência para prosseguir esta obra de dedicação.

Mary Grant, nesta situação, teve a coragem de deixar de pronunciar o nome do pai. Conteve as suas angústias pensando na infeliz tripulação que acabava de perecer. A filha apagou-se perante a amiga, e foi ela quem consolou Lady Glenarvan, depois de ter recebido dela tantas consolações! Foi a primeira a falar do regresso à Escócia. Ao vê-la tão corajosa, tão resignada, John Mangles admirou-a. Quis dizer uma última palavra a favor do capitão, mas Mary deteve-o com um olhar e, mais tarde, disse-lhe:

- Não, Sr. John! Pensemos naqueles que se sacrificaram. Lorde Glenarvan deve regressar à Europa!

- Tem razão, Miss Mary - respondeu John Mangles -, é preciso. E também necessário que as autoridades inglesas sejam informadas do destino do Duncan. Mas não renuncie à esperança. As buscas que iniciamos, em vez de as abandonarmos, recomeça-las-ei eu sozinho! Encontrarei o capitão Grant, ou sucumbirei na missão!

Era um compromisso sério que John Mangles tomava. Mary aceitou-o, e estendeu a mão para a do jovem capitão, como para ratificar este tratado. Da parte de John Mangles, era dedicação para toda a vida; da parte de Mary, um inalterável reconhecimento. Durante este dia, a partida ficou definitivamente decidida.

Resolveram ir para Melbourne sem demoras. No dia seguinte, John foi informar-se dos navios que partiam. Contava que existissem comunicações frequentes entre Éden e a capital de Vitória.

A sua expectativa frustrou-se. Os navios eram raros. Três ou quatro navios, ancorados na baía de Twofold, compunham toda a frota mercante do local. Nenhum com destino a Melbourne, nem a Sydney, nem a Pointe-de-Galles. Ora, só nestes três portos da Austrália Glenarvan poderia encontrar navios com destino a Inglaterra. Com efeito, a peninsular Oriental Steam Navigation Company tem uma linha regular de paquetes entre estes pontos e a metrópole.

Nesta conjuntura, que fazer? Esperar um navio? Podiam atrasar-se muito, porque a baía de Twofold é pouco freqüentada. Há tantos navios que passam ao largo e nunca vêm ancorar!

Depois de reflexões e discussões, Glenarvan estava quase a decidir-se a ir para Sydney pelas estradas da costa, quando Paganel fez uma proposta que ninguém esperava.

O geógrafo tinha ido visitar a baía Twofold. Sabia que faltavam os meios de transporte para Sydney e Melbourne.

Mas, destes três navios ancorados no porto, um preparava-se para partir com destino a Auckland, a capital de Ika-naMauoi, a ilha norte da Nova Zelândia. Ora, Paganel propôs que se fretasse o navio em questão e que se fosse para Auckland, de onde seria fácil regressar à Europa nos navios da companhia peninsular.

Esta proposta foi seriamente considerada. Paganel, aliás, não se lançava de modo algum naquelas séries de argumentos em que habitualmente era tão pródigo. Limitou-se a enunciar o fato e acrescentou que a travessia não duraria mais de cinco ou seis dias. A distância que separa a Austrália da Nova Zelândia é apenas, com efeito, de um milhar de milhas.

Por uma coincidência singular, Auckland estava situada precisamente sobre esta linha do paralelo 37 que os viajantes seguiam obstinadamente desde a costa da Araucânia. Claro que o geógrafo, sem ser acusado de parcialidade, teria podido tirar deste fato um argumento favorável à sua proposta. Era, com efeito, uma ocasião muito natural para visitar as costas da Nova Zelândia.

Contudo, Paganel não fez valer este argumento. Após dois insucessos sucessivos, não queria sem dúvida aventurar uma terceira interpretação do documento. Aliás, que teria tirado dele? Estava lá dito de uma maneira peremptória que um «continente» servira de refúgio ao capitão Grant, não uma ilha. Ora, essa Nova Zelândia não passava de uma ilha. Isto parecia decisivo. Seja como for, por esta razão ou por outra, Paganel não associou nenhuma idéia de nova exploração a esta proposta de ir a Auckland. Fez apenas observar que existiam comunicações regulares entre este ponto e a Grã-Bretanha, e que seria fácil aproveitá-las.

John Mangles apoiou a proposta de Paganel. Aconselhou a sua adoção, dado que não podiam esperar a chegada problemática de um navio à baía de Twofold. Mas, antes de se passar adiante, considerou conveniente visitar o navio assinalado pelo geógrafo. Glenarvan, o major, Paganel, Robert e ele tomaram uma embarcação e, em poucas remadas, chegaram ao navio ancorado a duas amarras do cais.

Era um brigue de duzentas e cinqüenta toneladas, chamado Macquarie. Fazia cabotagem entre os diferentes portos da Austrália e da Nova Zelândia. O capitão, ou, para melhor dizer, o mestre, recebeu muito rudemente os visitantes. Verificaram que estavam perante um homem sem educação, que as suas maneiras o não distinguiam dos cinco marinheiros que tinha a bordo. Uma cara larga e vermelha, mãos grossas, nariz achatado, cego de um

olho, lábios enegrecidos pelo cachimbo, junto a isto um ar brutal, faziam de Will Halley uma triste personagem. Mas não tinham por onde escolher, e, para uma travessia de alguns dias, não deviam preocupar-se muito com isso.

- Que querem vocês? - perguntou Will Halley a estes desconhecidos que entravam na cobertura do seu navio.

- O capitão? - perguntou John Mangles.

- Sou eu - disse Halley - E mais?

- O Macquarie vai partir para Auckland...

- Sim. E mais?

- Que transporta?

- Tudo o que se vende e tudo o que se compra. E mais?

- Quando parte?

- Amanhã, na maré do meio-dia. E mais?

- pode levar passageiros?

- Isso é com eles, se se contentarem com a gamela de bordo.

- Levarão as provisões deles...

- E mais?

- Mais?

- Sim. Quantos são?

- Nove, entre os quais duas senhoras.

- Não tenho camarotes.

- Arranjar-nos-emos com o beliche da popa que nos será posto à disposição.

- E mais?

- Aceita? - perguntou John Mangles, a quem as maneiras do capitão nada perturbavam.

- Vamos ver - respondeu o mestre do Macquarie.

Will Halley deu uma ou duas voltas, batendo na coberta com as suas botas ferradas, depois voltou-se bruscamente para John Mangles.

- Que é que pagam? - perguntou.

- Que é que pedem? - respondeu John.

- Cinquenta libras. Glenarvan fez um sinal de assentimento.

- Bom! Cinquenta libras - respondeu John Mangles.

- Mas só a passagem - acrescentou Will Halley.

- Só a passagem.

- Alimentação à parte.

- À parte.

- Combinado. Mais? - perguntou Will estendendo a mão.

- Quê?

- O sinal.

- Está aqui metade do preço, vinte e cinco libras – disse John Mangles entregando a quantia ao mestre, que a meteu no bolso sem agradecer.

- Amanhã a bordo - disse. - Antes do meio-dia. Estejam ou não estejam cá, levanto ferro.

- Estaremos.

Dito isto, Glenarvan, o major, Robert, Paganel e John Mangles saíram do navio, sem que e Will Halley tivesse ao menos tocado com o dedo no surouet colado à cabeleira ruiva.

- Que grosseirão! - disse John.

- Pois bem, gosto dele - respondeu Paganel. - É um autêntico lobo-do-mar.

- Um autêntico urso! - respondeu o major.

- E imagino - acrescentou John Mangles - que aquele urso deve ter feito, no seu tempo, tráfico de carne humana.

- Que importa! - respondeu Glenarvan -, desde que governe o Macquarie e que o Macquarie vá para a Nova Zelândia. De Twofold-Bay a Auckland vê-lo-emos pouco;

depois de Auckland, não o voltaremos a ver.

Lady Helena e Mary Grant souberam com prazer que a partida fora marcada para o dia seguinte. Glenarvan observou que o Macquarie não se comparava ao Duncan em relação ao conforto. Mas, depois de tantas provações, não eram mulheres para ficarem embaraçadas com tão pouco. O Sr. Olbinett foi convidado a encarregar-se dos abastecimentos. O pobre homem, desde que perderam o Duncan, chorara muitas vezes a infeliz Sr^a Olbinett, que ficara a bordo e, por conseguinte, fora vítima, com toda a tripulação, da ferocidade dos degredados. Contudo, desempenhou as suas funções de steward com o zelo habitual, e a alimentação à parte consistiu em víveres selecionados que nunca figuraram no rancho do brigue. Em poucas horas, as provisões estavam arranjadas.

Entretanto, o major descontava num cambista letras que Glenarvan possuía sobre o Union Bank de Melbourne. Não queria ficar sem ouro, nem armas e munições; por isso, renovou o arsenal. Quanto a Paganel, arranjou um excelente mapa da Nova Zelândia, publicado em Edimburgo por Johnston.

Mulrady passava bem então. Mal se ressentia do ferimento que pusera a sua vida em perigo. Algumas horas no mar deviam completar a cura. Contava tratar-se com as brisas do Pacífico.

Wilson foi encarregado de preparar a bordo do Macquarie as instalações dos passageiros. Com a escova e a vassoura, o camarote mudou de aspecto. Will Halley, erguendo os ombros, deixou o marinheiro trabalhar à vontade. Não se preocupava nada com Glenarvan, nem com as companheiras e os companheiros. Nem sequer sabia os seus nomes e não se importou. Este aumento de carga rendia-lhe cinquenta libras, é tudo, e prezava-o menos que as duzentas toneladas de peles curtidas que enchiam o porão. Primeiro as peles, depois os homens. Era um negociante. Quanto às suas qualidades de marinheiro, passava por ter boa prática daqueles mares que os recifes de corais tornam muito perigosos.

Durante as últimas horas deste dia, Glenarvan quis voltar àquele ponto da margem cortado pelo paralelo 37. Tinha dois motivos para isso.

Desejava visitar uma vez mais o lugar suposto do naufrágio. Com efeito, Ayrton era certamente o cabo de marinheiros da Britannia, e a Britannia podia ter-se realmente perdido nesta parte da costa australiana; na costa leste, se não fosse na costa oeste. Não se devia portanto abandonar levianamente um ponto que não voltariam a ver.

E depois, na falta da Britannia, o Duncan, pelo menos, caíra ali nas mãos dos criminosos. Talvez tivesse havido combate! Por que não haveriam de encontrar nas margens vestígios de uma luta, de uma suprema resistência? Se a tripulação tivesse perecido no mar, não teria este atirado alguns cadáveres para a costa?

Glenarvan, acompanhado do seu fiel John, procedeu a este reconhecimento. O dono do hotel Victoria pôs dois cavalos à disposição deles e retomaram essa estrada do norte que contorna a baía Twofold.

Foi uma triste exploração. Glenarvan e o capitão John cavalgavam sem falar. Mas compreendiam-se. Os mesmos pensamentos e, portanto, as mesmas angústias torturavam os seus espíritos. Observavam as rochas consumidas pelo mar. Não precisavam nem de se interrogar nem de responder um ao outro.

Basta considerarmos o zelo e a inteligência de John, para afirmarmos que cada ponto da costa foi escrupulosamente explorado, as mais pequenas enseadas foram examinadas com cuidado, como as praias em declive e os planaltos arenosos para onde as marés do Pacífico, apesar de medíocres, teriam podido atirar um destroço. Mas não se distinguiu nenhum indício de natureza a provocar novas buscas nestas paragens.

O rasto do naufrágio perdia-se uma vez mais. Quanto ao Duncan, nada, igualmente. Toda esta parte da Austrália, ribeirinha do oceano, estava deserta.

Todavia, John Mangles descobriu à beira da praia vestígios evidentes de acampamento, restos de fogueiras recentemente acendidas debaixo de árvores isoladas. Teria então uma tribo nómada passado por ali há alguns dias? Não, porque os olhos de Glenarvan notaram um indício que lhe demonstrou de maneira incontestável que esta parte da costa fora freqüentada por degredados.

Este indício era uma camisola cinzenta e amarela, gasta, remendada, um farrapo sinistro abandonado ao pé de uma árvore. Tinha o número de matrícula do preso de Perth. O forçado já lá não estava, mas a sua roupa sórdida respondia por ele. Esta libré do crime, depois de ter vestido algum miserável, acabava de apodrecer nesta margem deserta.

- Estás a ver, John! - disse Glenarvan. - Os criminosos chegaram até aqui! E os nossos pobres camaradas do Duncan?

- Sim! - respondeu John com uma voz abafada. - É certo que não desembarcaram, que pereceram.

- Miseráveis! - exclamou Glenarvan. - Se alguma vez caírem nas minhas mãos, vingarei a minha tripulação!

A dor endurecera o rosto de Glenarvan. Durante alguns minutos, o lorde observou a imensidade das vagas, procurando talvez com um último olhar algum navio perdido no espaço. Depois, os seus olhos ensombraram-se, voltou a si e, sem acrescentar uma palavra nem fazer um gesto, retomou a estrada de Éden com o cavalo a galope.

Restava cumprir uma única formalidade, a declaração ao oficial de justiça dos acontecimentos que acabavam de se verificar. Foi feita nessa mesma noite a Thomas Banks. Este magistrado mal conseguiu dissimular a sua satisfação ao redigir o processo verbal. Estava pura e simplesmente encantado com a partida de Ben Joyce e do seu bando. Toda a cidade partilhou o seu contentamento. Os criminosos acabavam de abandonar a Austrália, graças a um novo crime, é certo, mas finalmente tinham partido. Esta importante notícia foi imediatamente telegrafada às autoridades de Melbourne e de Sydney.

Terminada a declaração, Glenarvan regressou ao Hotel Victoria. Os viajantes passaram tristemente esta última noite. Os seus pensamentos divagavam sobre esta terra fecunda em desgraças. Lembravam-se de tantas esperanças tão legitimamente concebidas no cabo Bernouilli, tão cruelmente destruídas na baía Twofold!

Paganel, esse, era vítima de uma agitação febril. John Mangles, que o observava desde o incidente do Snow-River, sentia que o geógrafo queria e não queria falar. Pressionara-o muitas vezes com perguntas a que o outro não respondera.

Entretanto, nessa noite, John, ao acompanhá-lo ao quarto, perguntou-lhe por que estava tão nervoso.

- Meu amigo John - respondeu evasivamente Paganel -, não estou mais nervoso do que é habitual.

- Sr. Paganel - prosseguiu John -, tem um segredo que o sufoca!

- Pois bem, que quer? - exclamou o geógrafo gesticulando -, é mais forte que eu!

- Que é mais forte que o senhor?

- A minha alegria, por um lado, o meu desespero, por outro.

- Está alegre e desesperado ao mesmo tempo?

- Sim, alegre e desesperado por ir visitar a Nova Zelândia.

- Terá algum indício? - perguntou vivamente John Mangles. - Recuperou a pista perdida?

- Não, amigo John! Não se volta da Nova Zelândia! Mas, contudo... enfim, conhece a natureza humana! Basta respirar para ter esperança! E o meu lema é spiro, spero!, que vale os mais belos lemas do mundo!

II

O PASSADO DO PAÍS PARA ONDE SE VAI

No dia seguinte, 29 de Janeiro, os passageiros do Macquarie estavam instalados a bordo no estreito camarote do brigue. Willy Halley não oferecera o seu às viajantes. Delicadeza que pouco lamentaram, porque o antro era digno do urso.

Ao meio-dia e meia, levantaram ferro na praia-mar. A âncora subiu a pique e foi dificilmente arrancada do fundo.

Do sudoeste soprava uma brisa moderada. Pouco a pouco largaram as velas. Os cinco homens da tripulação manobravam lentamente. Wilson quis ajudá-los. Mas Halley pediu-lhe que estivesse quieto e que não se metesse onde não lhe dizia respeito. Tinha o hábito de

resolver as coisas sozinho e não pedia nem conselhos nem ajuda.

Isto era dirigido a John Mangles, a quem a imperfeição de certas manobras fazia sorrir. John percebeu, reservando-se para intervir de fato, senão de direito, no caso de a imperícia da tripulação comprometer a segurança do navio.

Entretanto, com o tempo e os braços dos cinco marinheiros estimulados pelas pragas do mestre, largaram o pano. O Macquarie fez-se ao largo, amurado a bombordo, com papafigos, gáveas, joanetes, bujarrona e giba. Mais tarde, foram içados cutelos e varredoiras. Mas, apesar deste reforço de velas, o brigue pouco avançava. As suas formas bojudas da proa, o fundo chato, o peso da popa faziam dele um mau veleiro, o tipo perfeito do ronceiro. Tiveram de se resignar. Felizmente, e por muito mal que o Macquarie navegasse, em cinco dias, seis no máximo, devia ter chegado à baía de Auckland.

Às sete horas da tarde, perderam-se de vista as costas da Austrália e o farol do porto de Eden. O mar, muito picado, fatigava o navio; caía pesadamente no seio das vagas. Os passageiros sentiram violentos abalos que tornaram penosa a sua estada no camarote. Contudo, não podiam ficar na coberta, porque a chuva era violenta. Viram-se, portanto, condenados a uma prisão rigorosa.

Todos se entregaram então aos seus pensamentos. Pouco falaram. Lady Helena e Mary Grant trocaram apenas algumas palavras. Glenarvan não conseguia estar quieto. Ia e vinha, enquanto o major permanecia imóvel. John Mangles, seguido de Robert, subia de vez em quando à coberta para observar o mar. Quanto a Paganel, murmurava no seu canto palavras vagas e incoerentes.

Em que pensaria o digno geógrafo? Nessa Nova Zelândia em direção à qual a fatalidade o conduzia? Reproduzia no seu espírito toda a sua história, e o passado desse país sinistro reaparecia aos seus olhos.

Mas existiria nessa história um fato, um incidente que alguma vez autorizasse os descobridores daquelas ilhas a considerá-las como um continente? Um geógrafo moderno, um marinheiro, poderiam atribuir-lhes essa denominação? Vê-se que Paganel voltava sempre à interpretação do documento. Era uma obsessão, uma idéia fixa. Depois da Patagônia, depois da Austrália, a sua imaginação, solicitada por uma palavra, concentrava-se na Nova Zelândia. Mas um ponto, só um, embaraçava-o nesta via.

- Contin... contin... - repetia -. quer, todavia, dizer «continente»!

E começou a seguir de memória os navegadores que reconheceram essas duas grandes ilhas dos mares austrais.

Foi a 13 de Dezembro de 1642 que o holandês Tasman, depois de ter descoberto a terra de Van-Diemen, veio aportar às praias desconhecidas da Nova Zelândia. Navegou ao longo da costa durante alguns dias, e, a 17, os seus navios entraram numa ampla baía que terminava

um estreito canal entre duas ilhas.

A ilha do norte era Ika-na-Maoui, palavras zelandesas que significam o peixe de Mauwi. A ilha do sul era Mahai-Pouna-Mou, ou seja, a baleia que produz o jade verde.

Abel Tasman enviou os botes da terra e regressaram acompanhados de duas pirogas que transportavam uma ruidosa tripulação de naturais. Aqueles selvagens eram de estatura média, com a pele castanha e amarela, ossos salientes, voz rude, cabelos negros atados no cimo da cabeça à moda japonesa e encimados por uma grande pluma branca.

Este primeiro encontro dos europeus e dos indígenas parecia prometer relações amistosas de longa duração. Mas, no dia seguinte, no momento em que um dos botes de Tasman ia reconhecer um ancoradouro mais próximo da terra, sete pirogas, transportando um grande número de indígenas, atacaram-nos violentamente. A canoa voltou-se de lado e encheu-se de água. O cabo de marinheiros que a comandava foi atingido em primeiro lugar na garganta com uma lança grosseiramente aguçada. Caiu ao mar. Dos seus seis companheiros, quatro foram mortos; os outros dois e o cabo de marinheiros, nadando em direção aos navios, foram recolhidos e salvos.

Depois deste triste acontecimento, Tasman levantou ferro, limitando a sua vingança a fustigar os naturais com alguns tiros de mosquete, que provavelmente os não atingiram. Deixou aquela baía, que ficou com o nome de baía do Massacre, subiu a costa ocidental e, a 5 de Janeiro, ancorou perto da ponta do norte. Neste local, não apenas a violência da ressaca, mas também as más intenções dos selvagens, impediram-no de fazer aguada e abandonou definitivamente estas terras a que deu o nome de Staten-Land, ou seja, Terra dos Estados, em honra dos Estados Gerais.

Com efeito, o navegador holandês pensava que confinavam com as ilhas do mesmo nome, descobertas a leste da Terra do Fogo, na ponta meridional da América. Julgava ter descoberto «o grande continente do Sul».

"Mas", pensava Paganel, "aquilo a quem um marinheiro do século XVII chamou «continente», um marinheiro do século XIX não pode ter chamado assim! Semelhante erro não é admissível! Não! Há qualquer coisa que me escapa!" Durante mais de um século, a descoberta de Tasman foi esquecida, e a Nova Zelândia parecia já não existir, quando um navegador francês, Surville, tomou conhecimento dela por 35 graus 37 de latitude. Ao princípio não teve razões para se queixar dos indígenas; mas os ventos assaltaram-no com uma violência extrema e declarou-se uma tempestade durante a qual a lancha que transportava os doentes da expedição foi atirada para a praia da baía do Refúgio. Aí, um chefe chamado NaguiNoui recebeu perfeitamente os franceses e tratou-os na sua própria cabana. Tudo correu bem até ao momento em que uma canoa de Surville foi roubada. Surville reclamou em vão, e julgou dever punir por este roubo uma aldeia que incendiou completamente. Terrível e injusta vingança, que não foi estranha às sangrentas represálias de que a Nova Zelândia iria ser o teatro.

A 6 de Outubro de 1769, apareceu nestas costas o ilustre Cook. Ancorou na baía de Taoué-Roa, com o seu navio Endeavour, e procurou conquistar os naturais com bons tratos. Mas,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

